

DO INFERNO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO EM TRANSPSICOMOTRICIDADE EDUCACIONAL

FROM HELL: CASE STUDIES ON TRAINING EDUCATIONAL TRANSPSYCHOMOTRICITY

DEL INFIERNO: RELATO DE EXPERIENCIA EN LA FORMACIÓN EN TRANSPSICOMOTRICIDAD
EDUCATIVA

Fabienne Bruce¹

¹ Graduada em Tradução Português/Inglês FMU/SP e Letras Português/Inglês UNESA/RJ, Pós-graduada em Dificuldades de Aprendizagem: Educação e Reeducação UERJ e com formação em Transpsicomotricidade Educacional UERJ e formação em Arte-educação Formae/RJ. Fabienne_bruce@yahoo.com.br.

RESUMO

Atravessar as verdades que nossas histórias nos impõem pode ser o caminho para compreender o que de fato nos liga. O caminho que escolhi talvez seja aquele que tenha me afetado de maneira mais intensa, assim, “Estava a reta minha via perdida” (ALIGHIERI, 1998, p.25) e ao encontrá-la não pude regressar ao caminho anterior e para o inferno eu fui pensando, em como Dante na Divina Comédia, poder alcançar o paraíso. Esse relato pretende delinear o caminho de uma formanda em seu processo pessoal na formação em Transpsicomotricidade Educacional mantendo uma dialógica com seus fantasmas corporais.

Palavras-chave: Formação Pessoal. Psicomotricidade. Pensamento Complexo.

ABSTRACT

Crossing the truths that our histories impose on us can to be a way to understand what really connects us. The path I have chosen to follow is perhaps that which has affected me more intensely. So, “for the straight forward pathway had been lost” (ALIGHIERI, 1998, p.25) and once I found that path I noticed, in my way to hell that I was not able to return to the previous stance thinking, as Dante did in The Divine Comedy, on how to reach heaven. This report aims to outline a trainee’s path in her personal Educational Transpsychomotricity training process, maintaining the dialogic with her own body phantoms.

Keywords: Personal Training. Psicomotricity. Complex Thought.

RESUMEN

Cruzar las verdades que nuestras historias imponen puede ser la manera de entender lo que realmente nos une. El camino que elegí tal vez sea, el que más me ha afectado de manera intensa, “Estaba la recta mi vía perdida” (ALIGHIERI, 1998, p. 25) y al encontrarla no pude volver a la ruta anterior y para el infierno fui pensando, como Dante en la Divina Comedia, poder llegar al paraíso. Este informe pretende delinear el camino de una graduanda en su proceso de entrenamiento personal en formación en Transpsicomotricidade Educativa dialógica con sus fantasmas corporales

Palabras-clave: Formación Personal. Psicomotricidad. Pensamiento Complejo.

INTRODUÇÃO

Como lá fui parar dizer não sei;/tão tolhido de sono me encontrava, /que a verdadeira via abandonei. (ALIGHIERI, 1998, p.25)

Na busca me deparei e olhei. Na busca tentei encontrar, mas me perdi e me reencontrei já em outro lugar. Contudo, fica a questão: quais verdades me guiaram pelos caminhos que escolhi? Verdades efêmeras que me levaram e me trouxeram de volta para a espiral da vida, verdades que desmoronaram e outras que surgiram e surgem, muitas vezes sem ao menos conseguir compreender todo o movimento, mas sempre tentando, pelos afetos, realizar vínculos e conexões entre, através e além de mim. Muitos caminhos, poderia ter escolhido, muitas opções surgiram e ainda surgem a todo instante, apenas escolhi o que fazia maior sentido no momento e pude viver a crença no lugar da verdade, contudo “eu possuía, oculto em mim, também o que não sabia dizer”, “aturdid[a] pela desconfiança de a vida ser uma definitiva mentira” (QUEIRÓS, 2011, p. 58 e 14). A formação em TransPsicomotricidade Educacional me ofereceu um caminho de autoconhecimento por meio da proposta de viver meu próprio corpo, “só corpos emocionados podem revoltar-se contra o *status quo*, abrir-se, sem receio à queda dos muros disciplinares, zonas de tensão e proteção, especialmente, zonas de poder, difíceis de abdicar” (COSTA, 2013, p. 116), e, assim, pude me entregar para ir em busca do que realmente é importante: meus reais desejos e necessidades.

A formação não possui um caminho linear e cada formando vive o que precisa viver para encontrar seus próprios desejos, ligados ao verdadeiro eu, é um descortinar intenso. Durante todo processo da vida nos modulamos a fim de encontrar o amor do outro, o amor no mundo, contudo pagamos um valor alto, não somos quem realmente desejamos ser, acabamos por ser o que esperam que sejamos, daí nos perdemos. A sociedade toda baseada no pensamento cartesiano nos modula a partir das dicotomias redutoras entre ser o bem ou o mal, o certo ou o errado, o preto ou o branco. Não existe tal escolha, somos tudo isso nesse momento agora e sempre. Carregamos o bem e o mal dentro de nós e o acessamos sempre que necessário para sobreviver, “precisamos, nesse sentido, de uma abordagem existencial aberta à angústia, ao gozo, à dor, ao êxtase” (MORIN, 2007, p. 17). Somos complexos e precisamos viver nossa complexidade, “não se

deve nem mesmo reduzir o humano ao humano” (MORIN, 2007, p. 17), já que muitas vezes experienciamos nossa desumanidade.

A TransPsicomotricidade Educacional surge justamente dessa tentativa de religar os saberes e romper com as dicotomias, já que “é preciso abrir espaço para o novo no afrouxamento das coraças que aprisionam nossa dialógica com os fenômenos” (COSTA, 2013, p.115), dessa maneira todo o curso agrega o pensamento complexo (MORIN, 2003) com o olhar transdisciplinar em sua base prática visando trazer à consciência os sete saberes necessários à educação do futuro e vivenciá-los por meio do corpo e na relação com o outro. São eles: a) O erro e a ilusão no qual construímos que nossa verdade não é única e o outro sempre pode nos ensinar algo; (b) Princípios do conhecimento pertinente no qual aprendemos que precisamos juntar os conhecimentos de todos para compreender melhor o mundo; (c) Condição humana em que entendemos que todos somos diferentes ao mesmo tempo que somos iguais, somos bons e maus, carregamos a dualidade em nós e dependemos uns dos outros para viver; (d) Identidade terrena onde nos sentimos responsáveis por tudo que acontece em nosso planeta, fazemos parte da natureza e dependemos dela para existir; (e) Enfrentar as incertezas as quais aprendemos que não há certezas absolutas, tudo pode mudar, mas, ao mesmo tempo, podemos ter algumas certezas para enfrentar o incerto; (f) Ensinar à compreensão na qual buscamos nos conhecer mais para respeitar e compreender os outros; (g) Ética do gênero humano na qual respeitamos e valorizamos as diferenças como compromisso para uma vida livre e solidária. Não obstante ainda há a religação com as linhas livre expressivas da psicomotricidade, com a filosofia, com o sagrado, com a ergo, sócio e etnopsicomotricidade, com a espiral do desenvolvimento humano, com a neurociência e toda cultura clássica na qual transdisciplinaridade encontre a dialógica de construção sempre em busca do entre, através e além da vida.

Durante o processo formativo somos convidados a escolher um grupo de convívio para realização das tarefas avaliativas tanto teóricas quanto práticas. Dentro da dialógica intersubjetiva que começou a ser construída no grande grupo, vamos afunilando para vivenciá-la mais de perto no grupo menor, afinal “é na intersubjetividade que nos apropriamos de nossas singularidades, tecidas dos múltiplos encontros e desencontros do caminho” (COSTA, 2013, p.124). Ao escolher as parcerias do meu grupo de convívio

não tinha a mínima ideia da potência que seria vivenciar esse lugar. Esse trabalho foca principalmente nesse encontro entre três mulheres que estavam na busca e de repente se encontraram e se escolheram, se viram, se agregaram e se perderam. Relata as angústias, desprazeres e desafetos, mas também a superação potente por meio da crença no outro, podendo respeitá-lo na sua diferença e daí viver o múltiplo mesmo sendo único. Aprendendo a viver juntas decidimos olhar para nossos fantasmas e esse é um recorte dos afetos de uma das formandas.

Ao longo da construção do pré-projeto monográfico decidimos juntas que nosso tema trataria dos fantasmas corporais que surgissem durante a prática Transpsicomotora, mas não olharíamos para todos os participantes da sessão, o foco estaria nas formandas. Mais uma vez escolhemos um caminho sem nem saber onde poderíamos chegar exatamente. Dentro dessa construção inicial, realizada em um café no centro da cidade do Rio de Janeiro, saímos andando sem rumo pelas ruas e fomos parar em uma exposição de Salvador Dalí. Nela, estavam as ilustrações dos cânticos da Divina Comédia de Dante Alighieri, nas quais o personagem atravessa o inferno, passa pelo purgatório para, então, poder chegar ao paraíso. Metáfora esta que nos acompanhou durante toda nossa construção e, desse contexto, junto com nosso projeto, nasceu também nossa dialógica definitiva e transbordante com a arte. Tudo ia se encaixando sem termos realmente total consciência do que representavam todas as nossas escolhas. Logo que começamos a enxergar o significado desse caminho fomos aprofundando em nós mesmas e nos perdendo, “quando nos negamos a ver é porque já vimos. E fica impossível desver” (QUEIRÓS, 2004, p.9). Precisávamos transver para continuar a caminhar, e essa foi uma tarefa árdua, contudo, posso dizer, a mais representativa de toda minha existência.

Dessa maneira, partimos em busca de espaço em ambientes educacionais para realizar nossa pesquisa, nosso método era gravar vídeos em grupo realizando a prática e depois observar os nossos próprios fantasmas durante a aplicação junto às crianças. Os encontros eram filmados e, então, tínhamos um pequeno recorte do momento em que estávamos, mas ainda era preciso trabalhar em cima do material a fim de nomear os fantasmas e trazê-los para consciência para daí trabalhá-los. Nesse ponto, realizávamos supervisões com os formadores depois de analisar o material diversas vezes,

individualmente e em grupo, além de escrever uma auto-avaliação. Vale ressaltar que realizávamos uma análise fantasmática de nós, o que inclui um olhar para além da técnica, para além dos pressupostos teóricos, nossa dialógica ocorria na intersubjetividade. LAPIERRE (2002) enfatiza:

Analisar é encontrar em nós a história das nossas vivências, a história da nossa infância, a longa história do nosso psiquismo. História esquecida, mas sempre presente em nosso inconsciente. História viva, remanejada sem cessar e sempre ativa. História cuja presença interfere, sem parar, em nossa vida afetiva e relacional. História que cada um traz em si e que lhe é tão pessoal quanto os traços do seu rosto” (p.74)

Isto posto, íamos para a escrita efetiva ou não, já que muitas vezes, por questões de construção individual, paralisávamos, acredito, para elaborar todas as descobertas e só então retomar. Esse processo não era linear já que o corpo “está certamente mais próximo ao inconsciente do que a linguagem verbal” (LAPIERRE, 2002, p.71), então precisávamos de tempo e espaço para digerir tanta história ainda viva e pulsante, é uma espécie de passado no presente. O fantasma não é um objeto fixado estaticamente no passado, mas sim uma cena que permanece como um tempo simultâneo no presente e que não foi elaborado, fruto de afetos inconscientes que marcam nossa história e motiva comportamentos de repetição em busca de uma transformação ilusória do passado. Para compreender ainda mais a dinâmica dos fantasmas corporais LAPIERRE e AUCOUTURIER (1984) traçaram uma imagem topológica para uma melhor compreensão:

Na superfície, em nível mais aparente, o corpo instrumental: equilíbrio, coordenações geral e viso-manual, lateralidade, etc. Abaixo, todo um substrato cognitivo, muito ligado à psicomotricidade voluntária, à ação, às experiências sensório-motoras e em seguida perceptivo-motoras: corpo próprio, esquema corporal, organização e estruturação espaço-temporal, organização semântica a partir das noções fundamentais, etc. Mais abaixo ainda, toda a organização tônica, involuntária, espontânea, parte integrante da experiência afetiva e emocional, necessariamente ligada às pulsões, às proibições, aos conflitos relacionais, ao inconsciente; um modo de agir espontâneo cuja significação simbólica não pode ser ignorada. E enfim, o que nos parece ser atualmente o núcleo mais profundo da personalidade, toda uma problemática fantasmática ligada à experiência imaginária vivenciada pelo corpo em sua relação com o outro e com o mundo. Um imaginário inconsciente que condiciona toda vida relacional” (p.2).

Não podemos, contudo, deixar de lado os modos de vida contemporâneo ao pensar nos fantasmas corporais. Vivemos em uma sociedade na qual o sujeito é

Revista Intersaberes | vol.10, n.20, p.83-100 | jan.- abr. 2015 | 1809-7286 87

condicionado desde muito cedo a conseguir dar conta, sozinho, de si. O capital percebeu há tempos que quanto mais isolado o ser humano está mais ele pode produzir, trazer lucros, assim, mesmo vivendo em família somos levados a individualização. Quando a televisão entrou na casa das pessoas e passou a falar por elas começou-se a fabricar um mundo de dependentes e passivos. Em algum nível, os corpos passaram a ser meros receptores de ideias externas baseadas principalmente no consumo. Vivemos o paradoxo do homem de massa, no qual pagamos para nos vender e estamos muito cansados para a descoberta da vida, ANDERS (1957) enfatiza “só vemos o mundo quando estamos dentro das nossas casas. Os acontecimentos vêm a nós, nós não vamos a eles” (p.420). De certa maneira compramos uma verdade que não foi vivenciada pelo nosso corpo, mas fabricada, não saímos para explorar o mundo, ele é trazido para dentro da nossa intimidade, com isso nos privamos de viver os afetos e nos alienamos. Encontrar com o outro é doar-se, estar em perigo. Com isso, construímos defesas para nossa segurança principalmente pela tentativa de controle.

Vale ressaltar que o encontro com meu grupo de convívio não foi um encontro formal, dentro dos padrões da sociedade de consumo. Estávamos em um espaço onde a todo instante éramos convidadas a acordar nosso corpo, nosso *demens*, ser o que tínhamos que ser. Vivemos nossos sentimentos, nossos pensamentos, nossas emoções e com isso vivemos a vida plena na qual os conflitos são tão bem vindos quanto os acordos. As diferenças, vistas normalmente como separadoras, agora encaradas de frente, nos levaram para outro nível de vínculo e exerceram um papel agregador. Não havia uma voz externa que falava por nós, estávamos ali, prontas para encarar nossos fantasmas e viver. Esse inferno é um recorte dessa vida que foi possível de ser vivida.

DO INFERNO: QUAL O MEU PEDAÇO?!

É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria de novamente lembrar-se.
Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a memória chega a esquecer-se deles. (QUEIRÓS, 2011, p. 16)

Durante uma conversa recente, uma pessoa querida me falou sobre um filme imperdível baseado em uma história real e, como toda boa indicação, prestei atenção e até anotei no meu caderninho no qual escrevo de tudo. O tempo passou e a anotação

ficou lá, quietinha, guardada, inclusive na minha mente. Daí comecei a ler um livro no final das férias, daqueles totalmente sem compromisso, cheio de crônicas de jornal, pequenas, mas profundas, intensas e instigantes, dessas delícias que mexem com as emoções e fazem chorar no metrô, ônibus ou qualquer lugar que estiver lendo, e o choro vem sem vergonha, já que te leva para uma viagem nos afetos. E foi assim que li uma delas: ‘amputações’.

Lendo comecei a pensar no meu processo de vida. Sim, o texto falava do mesmo filme que me indicaram: 127 horas. O enredo se baseia em uma história real e narra o acidente de um alpinista durante uma escalada quando prendeu seu braço em uma fenda e permaneceu cinco dias decidindo o que iria fazer para salvar sua vida, até o momento que resolve cortar seu braço para poder prosseguir. Terrível momento de dor, contudo de libertação. Fiquei super emocionada, primeiro por lembrar da conversa sobre o filme e de toda a indicação que me foi dada, em seguida vi escrito no meu caderninho o nome dele, os motivos para assistir e por último fiquei pensando na mágica da vida que fica enviando sinais para que eu tivesse contato com essa história. Tudo isso foi muito rápido, visto que ainda estava em contemplação profunda com o texto que sugeria pensar em qual pedaço foi necessário cortar de minha vida para poder continuar o caminho. Inevitável também não pensar nesse caminhar da Trans e nas vezes que pensei cortar meu grupo de convívio para poder continuar meu caminho. Foi nesse instante que me veio um outro pensamento muito mais intenso: o que não consegui cortar para poder viver nesse grupo sem me sentir presa?! Qual o meu pedaço?!

Como toda boa história, o melhor é entender o começo e penso que estava perdida, sem saber o que queria e o que precisava, a única certeza é que estava no caminho. Depois de uma vivência intensa com o grupo da Trans a proposta era escolher pessoas para criar um grupo e nesse coletivo construir um caminho de proximidade, partilhamento e autoconhecimento. Éramos quatro e fui a última a entrar, sem nem mesmo saber o motivo pelo qual estava escolhendo aquelas pessoas, na verdade não tinha pretensões, apenas me deixei levar e fui. Logo nos tornamos três e então os afetos da convivência começaram a falar.

Minha primeira grande crise veio por me sentir abandonada, mas naquele momento nem sabia disso. Nossa primeira tarefa, ainda com quatro componentes, era

fazer o trabalho da espiral do desenvolvimento, nossa faixa escolhida foi adultos e idosos, então o grupo resolveu se dividir. Amanda e Fabíola com os idosos, Marinaldo e eu com os adultos. Eu adorei trocar com ele, falamos de Guatarri, Deleuze, Bauman, estava ótimo, muito devir, mas ele desistiu do curso, se despediu e foi embora. Ficamos três, mas ainda partidas. Não pedi ajuda, apenas fiz o trabalho, ainda tentei me envolver no tema idosos, lembro de sugerir a utilização de argila no lugar de massinha para uma dinâmica que iríamos realizar, talvez fosse uma tentativa de aproximação, lembro das meninas me perguntando sobre minha parte e eu dizendo que estava tudo bem, para não se preocuparem, em resumo, posso dizer que não houve conexão, escolhemos ficar assim, separadas, talvez para economizar trabalho mesmo, o vínculo demanda muita dedicação. Para piorar a situação não apresentamos o trabalho naquele ano, tudo foi adiado para a volta do recesso de férias. E o tempo não foi solidário conosco, ele também ajudou na nossa subtração. Ainda lembro da angústia de Fabíola falando sobre como seria apresentar aquele trabalho sem nem saber por onde começar.

No dia da apresentação a rachadura ficou insuportável, uma ferida. Eu me senti totalmente deslocada do grupo, não pertencia a ele, era como se houvessem dois trabalhos. Com isso e as devolutivas dos formadores, foi impossível permanecer dessa maneira, foi nesse instante que me senti mais abandonada, tinha feito uma parte do trabalho sozinha e mesmo assim fui bombardeada com inúmeras críticas pelo grupo, algumas, inclusive, para além do que havia ocorrido. Tinha feito o meu melhor, apenas isso. Obviamente que também fui responsável pela segregação, mas não fui a única, contudo me senti muito em evidência, muito criticada. Na verdade, não compartilhar com o grupo, dar conta da tarefa e ainda não ser olhada naquilo que foi possível de ser realizado acionou meu pior lado, me fez sentir abandonada.

Juntamente com todos esses afetos, já surgia no grupo um desejo pela perfeição, consigo lembrar de um encontro em que assistíamos um vídeo com um trabalho realizado em psicomotricidade e, seguí-lo como exemplo, seria garantia de acertar nas supervisões de vídeo. Lembro de ficar terrivelmente incomodada com essa necessidade de perfeição. Não conseguiria continuar daquela maneira, chamei as meninas para uma conversa.

Desse ponto começamos tentar fazer diferente. Para além das acusações, culpas e medos, nos sentamos, conversamos, falamos dos sentimentos e dos desejos. Acredito

que nesse momento construímos nosso maior vínculo. Quando sentamos para nossa primeira “DR” (discussão da relação) nos cativamos, mesmo que ainda muito timidamente, pudemos falar das fraquezas e dizer como era necessário parar com as acusações e poder seguir nosso caminho, mesmo errando. Me senti feliz por esse momento, mais ainda por conseguir traçar metas claras com o grupo que passara existir. Posso inclusive dizer que a intensidade do nosso caminho e as transformações que conquistamos vem justamente desse lugar de conflito encarado de frente. Somos de verdade. “Há, contudo, dores que a palavra não esgota ao dizê-las” (QUEIRÓS, 2011, p.17). E isso pudemos viver logo em seguida.

Munidas com esse espírito coletivo e na tentativa de não querer apenas acertar – pelo menos nesse momento – decidimos escrever um projeto e apresentar em uma escola de vanguarda. Foi super empolgante e deu frio na barriga. Fomos à escola e quase achamos que não conseguiríamos, mas no final deu tudo certo, foi uma vibração, mas logo nos primeiros encontros os fantasmas nos rondaram. Novamente críticas encravadas, questões não faladas e como “cereja do bolo”, a morte. Em nosso primeiro vídeo, Fabíola chega com a notícia de que uma cliente de anos tinha falecido naquela madrugada, estava arrasada para nosso encontro, ficamos todas tocadas com a notícia e tentando acolher os sentimentos que chegavam muito para além daquela morte concreta. Perda devastadora que tivemos que dar conta, mas já com problemas não falados. Não consegui fazer um movimento diferente, talvez meu apego e carência não tenha me permitido encarar de frente esse momento, preferi caminhar e executar as tarefas com o que tinha nas mãos, sem ficar sempre ‘reclamando’ - esse era o sentimento que vinha ao falar das minhas necessidades com as meninas - contudo paguei um preço alto por isso. Não queria mais permanecer com aquelas pessoas, havia uma hipocrisia que me invadia como névoa que entra pelo nariz porque é preciso respirar, mas sufoca. Incrível perceber que “meu real é mais absurdo que minha fantasia. O presente é a soma de nostalgias agora irremediáveis” (QUEIRÓS, 2011, p. 60), contudo não há arrependimentos, há o início da aceitação desse processo como um caminho necessário de aprendizagem e construção dos verdadeiros vínculos dessa vida na qual a comunicação das necessidades é mais que saudável, é poder dar o direito ao outro de te acolher. É respeito. Não há vínculo sem essa construção.

Após cumprir o cronograma do projeto na escola, sem falar das minhas necessidades, sem ouvir as necessidades das meninas, o mesmo sentimento surgiu. Tinha feito o meu melhor, mesmo sabendo que poderia muito mais, daí novamente a frustração. “Nas manhãs de maio o ar é frio e seco, assim como retruca o coração nos abandonos” (QUEIRÓS, 2011, p.11). O ápice da angústia veio com toda magnitude na apresentação dos vídeos que realizamos e obviamente me senti completamente abandonada. Como da outra vez, não sabia disso, o que fez tudo ter uma proporção maior do que realmente era. Não falar sobre os meus sentimentos e não ter consciência do meu fantasma maior fez, então, eu acionar meu sistema de defesa “mor”, me fechei completamente e ir embora era a única opção. Foi tão intenso meu sentimento que nem na terapia individual consegui me abrir, eu tinha raiva e simplesmente não queria mais. “O medo de permanecer desamad[a] fazia de mim [a] mais inquiet[a] dos enredos” (QUEIRÓS, 2011, p.10). Não estar aberta para ventilar os afetos foi meu luto, a morte tinha acontecido há meses, fui me sufocando com tudo aquilo e só queria recomeçar em outro lugar, com outras pessoas.

Depois da ruptura com uma das minhas figuras de referência primária, meu pai, essa foi a maneira que encontrei para dialogar com sentimentos de rejeição. Depois que esse movimento é realizado com um afeto tão próximo, tudo perde seu valor quando chega no abandono, daí executar repetidas vezes essa opção de proteção, independente do momento, é a melhor saída para sobreviver, conseguir ser feliz, ter minha própria verdade, mesmo que efêmera. Em resumo: defesa e controle a serviço da neurose. Vale lembrar aqui que essas escolhas são inconscientes, não fazemos por simplesmente fazer, fazemos por não saber fazer de outra maneira, é pura pulsionalidade, por isso um processo de autoconhecimento como esse é tão importante e visceral. Viver toda essa dor com as meninas só foi possível pela disponibilidade de todas, até no sofrimento precisamos do olhar do outro para constituir nosso inferno, projetar, rejeitar. Ir embora é fugir da dor, mas também do crescimento, da transformação, da felicidade e do amor que tanto desejamos. Eu consegui permanecer, mesmo a contragosto, “meu espelho habitava, secreto, dentro de mim” (QUEIRÓS, 2011, p. 19).

E lá fomos nós para nosso primeiro *workshop* – momento da formação no qual o grupo viaja para um espaço acolhedor, com alimentação vegetariana, vivências Trans,

auto-avaliação do percurso formativo e recheada de reflexões. E lá fui eu, completamente magoada, abandonada, desejando finalizar o vínculo com meu grupo, desejando recomeçar tudo de novo outra vez. Estávamos na fazenda com os Dadas – monges hinduístas –, aquele espaço acolhedor com vivências transbordantes de afetos mais que positivos não conseguia amenizar minha angústia. Eu não conseguia respirar, levantava algumas vezes a noite com falta de ar. Foi intenso, tenso e dolorido. Na minha entrevista individual lembro de verbalizar que estava tranquila com meu processo, mas, com os afetos no grupo, muito preocupada. Em nossa supervisão coletiva o choro gritava a falta de olhar e cuidado entre nós, falamos e ouvimos o que há tempos estava guardado, “daí, veio me sobrar amor sem ter a quem amar” (QUEIRÓS, 2011, p.11). Então me permiti permanecer para poder amar, esvaziamos o suficiente para conseguir nos dar mais uma chance. Como uma espiral, retomamos nosso caminho, assim como já havíamos feito meses atrás. Aceitei permanecer, não sabia exatamente o motivo, contudo confiei no olhar e nas palavras dos formadores que afirmavam ser aquele encontro, naquele grupo, o que eu precisava para me compreender de maneira mais profunda e, assim, conhecer/encontrar as minhas reais necessidades, afinal “minha toda fragilidade, suportava toneladas de desassossegos. Impossível deitar-me em meu próprio colo e acalantar-me. Não suportaria o peso de minha carga” (QUEIRÓS, 2011, p.29). Saber cognitivamente que nos constituímos pelo olhar do outro é possível, mas sentir isso e ter isso como uma verdade na prática ainda é um grande aprendizado em processo para mim, sempre preciso lembrar nos momentos de conflito.

Na volta e com a promessa de continuar, nos encontramos. Planejamos realizar um vídeo, agora na escola onde eu trabalhava, tudo para facilitar o caminho e realizar as tarefas com menos conflitos. Escolhemos os tecidos e realizamos o vídeo para continuar nosso trabalho. Durante a análise, para nossa surpresa, ficamos totalmente entregues ao desejo de ir para o paraíso. Essa não foi uma construção imediata, somente hoje fica bastante claro o que aconteceu em nossa retomada. Estávamos tentando não ter problemas, mas não sabíamos como. Daí Fabíola, parte da tríade que sempre estava isenta, serviu de modelo para que Amanda e eu seguissemos. Outra ilusão sendo construída, mas funcionou por um bom tempo. Escrevemos bastante nas férias, realizamos mais um vídeo, agora com bolas. Contudo, diante do nosso movimento em

direção ao paraíso a qualquer custo, os conflitos surgiram novamente. O que deveria ser realmente visto não foi e nesse novo vídeo ficou claro uma das questões que dividiam o andamento do grupo: a comunicação. Amanda e eu não conseguíamos trocar, falar de nossos afetos uma com a outra e Fabíola era a pessoa que realizava essa tarefa, ela nos mediava. Em resumo, todas nos anulamos sempre na tentativa de alcançar o inalcançável. Talvez quiséssemos uma verdade para as três, totalmente enquadrada a fim de nunca mais termos nenhum conflito. “A palavra verdade não permite o erro, daí não conhecer o perdão” (QUEIRÓS, 2004, p.9). E era justamente do perdão que nosso grupo precisava, aceitar os conflitos é entender que o outro não é perfeito, que tem seus limites, o paraíso não existe, é uma ilusão construída para atender um ideal cristão em que todos sejam iguais, amigos e sem conflito. A questão toda era conseguir admitir isso, “mas tu, por que ainda tornas a temer? /por que não galgas o precioso monte, /princípio e causa de todo prazer?” (DANTE, 1998, p. 28)

Diante da realidade dada e registrada em vídeo, o luto começou novamente a rondar o grupo. Nosso tempo de aprofundamento estava acabando e a angústia de conseguir continuar naquela farsa - mesmo sem saber disso conscientemente - foi apertando e tinha que pedir ajuda. Nossos encontros já não rendiam, estávamos novamente entrando em conflito, as neuras todas estavam rondando e os limites gritando. De repente, nenhuma de nós conseguia mais. Para mim o ápice foi em uma viagem que precisei fazer e me ausentar de um dos encontros, deixei um pedido com minhas companheiras peregrinas, mas me senti novamente completamente abandonada. “Do abandono construí meu cais sempre do outro lado. Em barco sem âncora e bússola, carrego, agarrada[a] ao meu casco, caramujos suportando sobre si o próprio abrigo, solitariamente” (QUEIRÓS, 2011, p. 64). Mergulhei nesse sentimento de abandono, estava decidida a compreendê-lo, imagino que não tenha sido ruim apenas para mim, as meninas ficaram muito preocupadas comigo, mas era necessário viver profundamente aquele sentimento, me fechei nesse processo. O grupo paralisou completamente e isso mexeu demais comigo. Sempre me questionava por qual motivo elas não realizavam algum movimento? Ainda hoje não consigo alcançar esse entendimento, mas minha construção estava em andamento.

Depois disso, aceitei incondicionalmente nosso inferno, o assumi com todas as minhas garras e sofri toda a dor de olhar para as feridas que comecei abrir. Estava novamente de luto. A morte estava em mim e eu a vivi intensamente. “Ao transbordar a vida se faz lágrima e rola salgando o passado morto, mudo, que dorme no canto da boca” (QUEIRÓS, 2011, p.61). Além disso os limites que se apresentavam me paralisavam, eu ainda precisava compreender a dinâmica dos limites. E foi então que olhei para mim mesma, para meus limites, minha estrutura, meus apoios, meus desejos em torno desses movimentos cíclicos e percebi que meu controle e apego me limitavam mais do que minhas tentativas rebeldes de me livrar dele. Pude construir um novo olhar e escuta para os limites externos e com isso a crença em continuar. “Ter crença é ser mais brando, é poder mudar, trocar de lado, ser um dia sim e outro não. É não ser certo nem dar certeza. E a crença do outro pode encantar você, [...] Na paixão você é feliz por cumprir a crença do outro. A crença escuta” (QUEIRÓS, 2004, p.10). Daí que me vi apaixonada novamente pelo caminho, pela peregrinação, por mim mesma. O inferno continua quem mudou fui eu. Os conflitos estão dados, mas eu os vejo de outro lugar. Meus fantasmas ainda estão aqui comigo, meu abandono vem junto com meu passado, mas não quero mais mudá-lo, simplesmente o aceito e, assim, posso fazer diferente no hoje, no agora, no novo que a vida me apresenta todos os dias. O amor sobressalta em mim.

Hoje acredito nos encontros como forma mais potente para renovar a alma. Dentro do desapego das idealizações encontro o verdadeiro e real amor. Troca profunda de afetos por meio de histórias guardadas que se elaboram no presente de maneira singular. Os encontros das almas servem para regenerar as marcas, olhar para elas, mas perceber que outros encontros chegam para acolher e cuidar de uma nova maneira, agora transformada, madura, deslocada do ideal. Viver o possível sempre, mesmo sabendo que perder faz parte e está dado como movimento cíclico da vida e dentro de todas as escolhas que realizamos, boas ou ruins, essa talvez seja a maior arte de estar vivo. A arte de perder. Elisabeth Bishop já sabia disso:

A arte de perder não é nenhum mistério;
Tantas coisas contêm em si o acidente
De perdê-las, que perder não é nada sério. Perca um pouquinho a cada dia.
Aceite, austero, A chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Depois perca mais rápido, com mais critério:

Lugares, nomes, a escala subsequente Da viagem não feita.
Nada disso é sério.
Perdi o relógio de mamãe.
Ah! E nem quero Lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Perdi duas cidades lindas.
E um império Que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles.
Mas não é nada sério.
– Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo que eu amo) não muda nada.
Pois é evidente que a arte de perder não chega a ser mistério por muito
que pareça (Escreve!) muito sério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“E ele, a mim, como mestre que conforta:/ ‘Livra-te desse medo circunspecto;/ aqui toda tibiez esteja morta;’”. (ALIGHIERI, 1998, p.37)

Escrever essas considerações ao final desse ciclo me faz refletir sobre a importância absoluta do autoconhecimento, não somente para toda minha vida, mas para a prática em TransPsicomotricidade. Ao lado do meu grupo de convívio descobri meu grande e pavoroso fantasma: o abandono. Não foi fácil encontrá-lo e, mais ainda, descobrir como ele dói profundamente em minha alma e evoca intensamente meu vazio, o que rapidamente aciona o apego que carrego para dar conta daquilo que é difícil ver. Então logo sou tomada pelos meus pensamentos: “há dias em que o passado me acorda e não posso desvivê-lo. Esfrego os olhos buscando desanuviar a manhã que embaça o dia” (QUEIRÓS, 2011, p. 64). Contudo, não posso. Não quero. Na verdade, meu maior desejo é conseguir transcendê-lo, ou seja, aceitá-lo e poder escolher outras possibilidades para essa vida. Dentro da construção desse novo lugar posso criar espaços de escuta para o outro, aceitar as diferenças e viver os vínculos na dialógica, critério imperioso ao desenvolver a prática dentro dos espaços educacionais, já que é necessário estar aberto corporalmente aos encontros a fim de encontrar as brechas, espaços ventilados para construção de outros sentidos, afetos e, então, ponto de partida para a transformação e sensibilização.

E que vida! Em que “dar nome ao real que mora escondido na fantasia é clarear o obscuro” (QUEIRÓS, 2011 p. 63). Essa tarefa, acredito que venho praticando, ainda de

maneira limitada, mas dedicada, sempre digo para mim: “não impeças a sua fatal jornada, /pois lá onde se pode o que se quer, /isto se quer, e não peças mais nada” (ALIGHIERI, 1998, p. 50). Meu grupo de convívio faz parte disso, ele me ajudou infinitamente nesse processo e vem me impulsionando continuamente, mesmo que à distância. Nossas vivências sempre estarão em mim e poderei resgatá-las a qualquer momento, visto que o abandono encontra-se distante de mim só por ter tido essa experiência. Viver o limite dos afetos com as meninas me fez perceber que o abandono só pode ser se eu as excluir e isso não é possível fazer. As pessoas, o que vivi, senti e construí estarão para sempre em mim de alguma maneira e não há abandono nisso, ao contrário há intensidade, transbordamentos, vida pulsando, afetos. Isto posto, venho na tentativa de afirmar que “nenhuma terapia pode resolver os conflitos do passado, nem apagar os sentimentos que os acompanham. Esse passado retornado à consciência, é preciso ser aceito, fazê-lo seu e assumi-lo” (LAPIERRE, 2002, p. 244). A história que vivi nesse grupo e no espaço da TransPsicomotricidade me fez praticar a auto-compreensão, a auto-aceitação e daí a possibilidade de resignificação. Contudo, por qual motivo um TransPsicomotricista precisa explorar tão profundamente sua história para atuar na prática? COSTA (2013) esclarece:

Na mão inversa, as experimentações em TrPm buscam reconectar os sujeitos, respeitosamente, sem invasões ou sofrimento, nas quais possam ser vividos os benefícios da escuta, do acolhimento, do acompanhamento, proporcionados na busca de intersubjetividade. Mas, para estar com o outro de forma mais autêntica, precisamos estar conectados conosco mesmos...Isso demanda capacidade de introspecção, reflexão... (p.127)

Assim, para poder estar na prática é necessário estar em você mesmo. Mais ainda, esse caminho não termina quando acaba a formação já que estamos sempre nos deparando com nosso inferno. Dessa maneira, refletir sobre as ações, reações e ocorrências vividas com o outro é sempre olhar para nossa história, para nossos fantasmas, para nossa subjetividade. O profissional Trans carregará para sempre as vivências formativas na sua construção diária nos espaços de atuação. De qualquer maneira penso ser imprescindível a criação de espaços de nutrição e dialógica com outros profissionais a fim de manter adubada a terra do olhar sensível, além de supervisão do trabalho.

O enredo de dialógica desse trabalho foi baseado simbolicamente na ‘Divina Comédia’. Essa escolha veio do encontro com meu grupo de convívio e com as pinturas de Salvador Dali em uma exposição que encontramos por acaso. Surreal ou não, nosso desejo de chegar ao ‘paraíso’ era vigente. Uma ilusão obviamente. Ficamos mesmo pelo inferno e, na verdade, gosto bastante desse espaço/lugar/tempo. No inferno foi possível partilhar com os grandes pensadores, amantes, pecadores. Há o grotesco, mas há muita vida que se arriscou. Os defeitos são plausíveis no inferno, não há motivo para ser de outra maneira, é como se estivéssemos “perdoadas” tecnicamente, quase irônico. No paraíso isso seria impossível. A perfeição para estar lá invalidaria nossas experiências mais significativas e humanas, os afetos positivos e negativos que evocamos só poderiam ser vividos no inferno mesmo. Na imanência da vida. Estou longe de ser Beatriz, acredito que nenhuma de nós tem de verdade esse desejo, embora tivéssemos vivido essa ilusão em conjunto. Nosso caminho se cruzou e fomos para o inferno e lá vivemos nosso fantasma maior: o abandono. Estar no inferno e ter o abandono nos assombrando nos fez paralizar, os limites se tornaram barreiras intransponíveis.

Com isso resta a questão, como construir pontes com os opostos e os limites? Eu acredito que os melhores encontros sejam os de entrega, voos intensos, pura energia e que não haja controle, mesmo sabendo que eu mesma caio nessa armadilha, justamente por ser um sinal de bloqueio que surge como defesa. Atuei dessa maneira com o grupo.

Essa defesa, para mim, talvez venha da necessidade de permanecer intocável no meu mundo particular onde ninguém possa acessar minhas reais necessidades. Paradoxal já que acredito ser muito acessível, nesse movimento repetitivo acabo guardando meu passado enterrado/encravado dentro de mim e não me permito viver o ineditismo dos afetos. Não sentir as diferentes sensações possíveis fez com que eu me fechasse, me guardasse, tudo em nome de preservar o meu ser. Estava presa em mim mesma e não caibo mais na roupa que vesti para me proteger. Preciso abrir mão da minha rebeldia defensiva, libertar meus fantasmas e encontrar um novo lugar para transbordar o amor todo que desejo compartilhar: “Ao transbordar a vida se faz lágrima e rola salgando o passado morto, mudo, que dorme no canto da boca” (QUEIRÓS, 2011, p. 61). Obviamente que isso é outro trabalho em andamento.

Talvez a perspectiva da vida em espirais ainda seja uma tarefa a ser praticada/internalizada até conseguir sentir a construção desse processo no qual o desmoronamento seja absolutamente saudável e necessário para o encontro com a plenitude dos afetos. Viver é desmoronar e empilhar novamente os pensamentos, sentimentos e emoções. Conseguir realizar esses movimentos sem a cobrança da perfeição ou a exaustão dos sentidos e afetos talvez seja o encontro com o real equilíbrio e contato com a felicidade e o amor pleno. Olhar para trás e poder se nutrir para prosseguir nesse ciclo, talvez seja a verdadeira espiral, se permitir ao vai-vem da vida dançando, pode me permitir estar para além, “é preciso mesmo olhar pra trás se queremos ir em frente” (CARRASCOZA, 2013 p.79), contudo sem se fechar ou prender, mas quebrando paradigmas e se libertando.

Como imagem desse processo gosto de pensar em um temporal que inundou minhas emoções, meu corpo, minha vida, meu eu. Depois de um dia intenso de sol, com céu azul veio o vento, o granizo, a água de pingos fortes e encorpados que me invadiram, me lavando e foi tão forte que chegou a me tirar de mim mesma. Foi difícil, dolorido, contudo não me deixou nada velho, guardado, enrolado, enterrado, apenas eu mesma lavada, nua com meus vazios arejados prontos para criar. Eu lavada. Fui e agora sou outra na espiral em movimento. O que eu posso? Posso um tanto, um tudo, um quase. Estou na beira, ainda perdida na despedida. Talvez renascendo, talvez florescendo, quem sabe rejuvenescendo ou me perdendo de novo e de novo. Mentalizando festa na floresta com integração para a do céu, só para voar nas asas dos pássaros, dentro das violas e dançar e rodar e girar e viver e amar, afinal “se é o chão que te segura; deixa o chão desmoronar” (JENECL, do álbum De graça, música Alento) e sai voando por aí, sem controle de preferência.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. A divina comédia – Inferno/Purgatório/Paraíso. São Paulo: Ed. 34, 1998.
CARRASCOZA, João Anzanello. Aos 7 e aos 40. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- AUCOUTURIER, B. LAPIERRE, A. Fantasmas corporais e prática psicomotora. São Paulo: Editora Manole, 1984.

COSTA, Eduardo. A formação do Transpsicomotricista. In COSTA, Eduardo. LOVISARO, Martha. (orgs.). TransPsicomotricidade: psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

LAPIERRE, André. Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação. Curitiba: Ed. UFRP, 2002.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Brasília, DF: Unesco, 2003.

_____. O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. O olho de vidro do meu avô. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. Vermelho amargo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANDERS, Gunther. O mundo fantasmático da TV. In ROSENBERG, B. e WHITE, D.M. (orgs.). Cultura de Massa. São Paulo: Editora Cultrix, 1957.